

A NÃO PERDER

22 março | 20h30 | Auditório da Junta de Freguesia da Quinta do Anjo

Conversas na Aldeia - «Da Serra ao Mar»

Com esta iniciativa, enquadrada na **Candidatura** da Arrábida a Património da Humanidade, pretende-se - a partir do documentário «Arrábida. Da serra ao mar» - cruzar memórias que nos revelem a importância da serra enquanto paisagem que se impõe, fonte de subsistência, espaço que molda saberes e tradições. Contamos com a sua presença!

Público em geral | Entrada gratuita

Org.: Câmara Municipal de Palmela e Junta de Freguesia da Quinta do Anjo



28 março | 14h30 | Castelo de Palmela, junto à cisterna (ponto de encontro)

Dia Nacional dos Centros Históricos - Peddy-paper

«Pé ante pé descubro o que a vila é...»

Num percurso que se quer atento aos pormenores, partiremos à descoberta do Centro Histórico de Palmela.

Percurso: do Castelo ao Largo de S. João

Duração: 2h00

Público-alvo: Famílias

Frequência gratuita (sem necessidade de inscrição prévia)

Org.: Câmara Municipal de Palmela



«Memória + Criatividade = Progresso Social»

No mês em que desponta a primavera, recuperamos memórias que nos falam da Arrábida. Território ímpar, de profunda beleza, é fonte de subsistência para as populações. O pastoreio é aqui uma das atividades tradicionais mais marcantes, que encontra nas planícies destas serras o cenário ideal. Ao longo dos anos, os animais encontram alimento. Ao longo dos anos, os homens crescem.



Quinta do Anjo - Volta da pastagem. Foto José Artur Leitão Bárcia, 1908, Arquivo Municipal de Palmela

«Eu com seis, sete, oito anos, inclusive fins-de-semana, férias, nunca passava com os meus pais. Estava sempre na casa dos meus avós. E o meu avô, de manhã, muitas das vezes tinha pena de me chamar porque era cedo e estava frio. E mesmo no Verão, que ele saía por volta das cinco e meia da manhã, com as ovelhas para pastar, por causa do calor, e ele não conseguia compreender, olhava para o meu quarto e não me chamava, mas esquecia-se de que as ovelhas tinham campainhas e passavam à porta do meu quarto. E eu arrancava meio vestido, meio a vestir-me, e ia a correr atrás dele. (...) Eu queria era ir com as ovelhas.

Era eu, ele [avô], os cães e as ovelhas. Falava com ele, brincava com ele e ele ensinava-me muita coisa. O meu avô teve sempre muito jeito para arranjar coleiras e campainhas. Ele levava as campainhas dentro do saco e dizia-me o que é que eu tinha que fazer: chamava-se a volta às ovelhas - como é que devia conduzi-las para que elas chegassem à tarde e viessem com a barriga cheia - e ele num sítio, a ver-me sempre, e ficava ali sentado a arranjar os badalos e as campainhas.»

Nuno Sobral, 29 anos, Pinheiro Ramudo, 2008

«Eu via rapazes da minha idade andar na brincadeira (...) nunca me deu cobiça, nunca me fez diferença nenhuma isso. Era o gado e gostava muito era de ir a um mercado ver o gado, falar lá com os amigos, com os pastores e tal. Comprar um chocalho (...) A algibeira vinha sempre atacada. (...) Tem tido sempre uma cegueira pelo gado [referindo-se ao neto]. É como eu, tem também a mesma doença!»

João Ferreira, 83 anos, Vendas de Azeitão, 2008